

"Troco carrinho de bebé por mesinha-de-cabeceira"

Comportamento. Há cada vez mais portugueses a aderirem a 'site' de trocas de produtos e a participar em feiras em que não entra dinheiro. Professor de Coimbra diz que a crise faz crescer o fenómeno

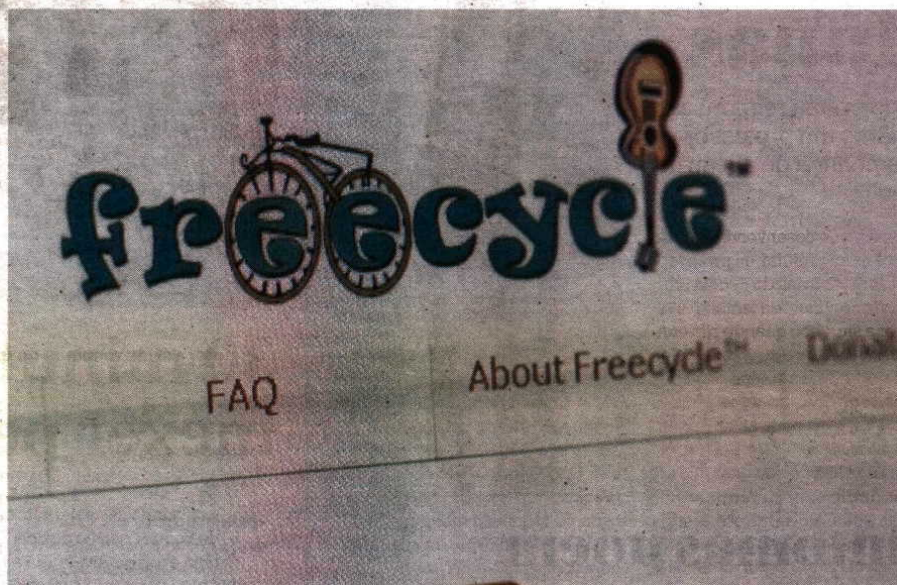
■ ANA BELA FERREIRA

Trocar uma mesinha-de-cabeceira com alguém que quer ver-se livre de um sofá ou um CD com alguém que quer um livro é uma das soluções encontradas pelos portugueses para contornar a crise. São muitos os fóruns, grupos e blogs que estão a encher a Internet para incentivar este tipo de comportamento. A Freecycle é uma das mais famosas redes mundiais que promove as trocas através de e-mail. Em Portugal, já conta com 5660 membros e com 12 núcleos espalhados por várias cidades.

Os objectos para bebés e crianças estão no 'top' das trocas, sendo que os mais procurados são carrinhos, camas, berços, roupas, biberões e brinquedos). Seguem-se os móveis para encher a casa e os artigos informáticos. Mas a tradição mais antiga, neste suporte, são as trocas de CD, livros e filmes.

A par do mundo virtual crescem também por todo o País as feiras e os mercados em que o dinheiro não entra. Os objectos valem por si e as necessidades também. Diana Dias levou três chávenas com pires à última Feira de Trocas no Porto e trouxe para casa um regador. "Precisava de um regador e tinha as chávenas a mais, por isso, ofereci-as em troca do que queria", explica ao DN uma responsável da organização do evento na Invicta, membro do GAIA (Grupo de Acção e Intervenção Ambiental).

Para participar nos encontros de trocas não é obrigatório que se leve qualquer objecto, "mas é preferível, para que as pessoas que dão também recebam algo", justi-



No Freecycle, os associados recebem e enviam 'emails' sobre produtos que procuram ou oferecem

fica Diana Dias. Mas também se podem trocar coisas imateriais, como aulas de inglês, ou outros serviços, como massagens ou explicações de Matemática.

Na Internet, a troca de um objecto por objecto também não é essen-

5660 sócios

é o número de portugueses que aderiam ao Freecycle, grupo de trocas na Internet

cial. Na rede Freecycle, por exemplo, o requisito mais importante é o de que "tudo o que é lançado deve ser gratuito e livre", tal como indica o administrador do núcleo lisboeta,

João Aguiar, na página online do grupo (www.freecycle.com).

Esta rede pressupõe uma inscrição, tendo depois o associado acesso a um mail onde pode informar sobre os objectos que está disposto a dar. E nesse mail pode também encontrar as coisas de que necessita, enviando um mail para quem o oferece a dizer que está interessado.

Ontem, por exemplo, estavam disponíveis para adquirir máquinas fotográfica, frigoríficos, computadores e até remédios.

Crise aumenta mercado

E havia quem procurasse fato de banho de grávida ou uma enciclopédia verbo. Alguns dos asso-

ciados destas redes são instituições de solidariedade social que assim procuram ajuda.

Este 'negócio' solidário parece estar garantido. Aliás, como refere o sociólogo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Elísio Estanque, "há potencialidade para um mercado de troca de coisas - nesta época de crise - porque as pessoas entendem que não podem esbanjar dinheiro".

Não só. O especialista defende ainda que a Internet será mesmo o meio mais privilegiado para o aumento das comunidades de trocas. Isto porque, "as pessoas não têm necessidade de se expor, como numa feira, em que existe um contacto mais directo".

Os tipos de trocas usadas em Portugal

MAIS FREQUENTES

• As trocas mais frequentes são objectos para crianças e para bebés. Entre eles, carrinhos, camas, berços, roupas, biberões e brinquedos



IMATERIAIS

• Hoje em dia também se trocam aulas de inglês, sessões de massagens ou simples explicações de Matemática.

TRADICIONAL

• Os CD, filmes e livros são os objectos alvo de trocas mais tradicionais. Isto porque os colecionadores de fás de música costumam trocar produtos

Internet esconde vergonha

Apesar da crise "atingir segmentos que pensávamos intocáveis", ainda existe em Portugal "muito estereótipo e preconceito para se admitir que se tem uma coisa em segunda mão que foi trocada, sem pagar", frisa Elísio Estanque. Daí que o sociólogo não tenha dúvidas de que a Internet ajuda a contornar "um sentimento muito clássico dos portugueses: a vergonha". "Em Portugal vive-se muito a vergonha social, toda a gente quer mostrar que está melhor", sublinha, lembrando "que as trocas são práticas antigas associadas a comunidades alternativas". Práticas que nascem sempre em "períodos de crise". ■